

## **Comunidade tradicional Vereda Funda-MG de 1970 a 2019: uma história sob o olhar do geraizeiro**

Udilésio Oliveira Santos<sup>1</sup>, Verônica Klepka<sup>2</sup>

### **Resumo**

Neste trabalho contamos uma história de luta e resistência de um povo tradicional, os Geraizeiros, residentes na Comunidade Tradicional Vereda Funda, no Norte de Minas Gerais. Durante décadas a comunidade foi encurralada pela monocultura do eucalipto, fruto de um modelo econômico hegemônico. Assim, sua história foi e é marcada pelas formas de resistência em prol ao modo de vida Geraizeira, principalmente no que diz respeito à soberania alimentar, história e reconhecimento identitário e social. Por isso, é nosso objetivo contar a história deste território sob o protagonismo do próprio Geraizeiro. O relato parte de um *insider*, licenciado em Educação do Campo, que resgata suas próprias memórias e chama outras por meio de entrevistas e troca de saberes com moradores da comunidade, acompanhados de questionário orientador. Chama atenção a luta e a resistência para a existência deste povo, dotado de conhecimentos tradicionais sobre a biodiversidade e cultivos agrícolas. O ponto central na história de Vereda Funda é a retomada de seu território e a constante luta contra a perda de sua biodiversidade, perda ou diminuição de nascentes e córregos, perda de variedades e espécies de sementes, assim como as culturas e tradições locais.

### **Palavras-chave**

Geraizeiros. Território. Educação do Campo.

---

<sup>1</sup> Graduando em Educação do Campo na Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Minas Gerais, Brasil. E-mail: udilesiooliveira@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Doutora em Educação para a Ciência e o Ensino de Matemática pela Universidade Estadual de Maringá, Paraná, Brasil; professora do Departamento de Educação em Ciências, Matemática e Tecnologias da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Minas Gerais, Brasil. E-mail: veronicaklepka@uftm.edu.br.

## **Vereda Funda traditional community, State of Minas Gerais, Brazil from 1970 to 2019: a history under the view of the *geraizeiro***

Udilésio Oliveira Santos<sup>3</sup>, Verônica Klepka<sup>4</sup>

### **Abstract**

In this work we tell a story of the struggle and resistance of a traditional people, the Geraizeiros, residing in the Traditional Community Vereda Funda, in the North of Minas Gerais. For decades, the community was cornered by the monoculture of eucalyptus, the result of a hegemonic economic model. Thus, its history was and still is marked by forms of resistance in favor of the *Geraizeira* way of life, mainly with regard to its food sovereignty, its history and identity and social recognition. So, it is our goal to tell a story of this territory under the leadership of *Geraizeiro* himself. The report comes from an insider, licensed in countryside education, who rescues his own memories and others through interviews and exchanges of knowledge with residents of the community, accompanied by a guiding questionnaire. We call attention to the struggle and resistance to the existence of this people, endowed with traditional knowledge about biodiversity, crops. The central point in the history of Vereda Funda is the resumption of its territory and the constant struggle against the loss of its biodiversity, loss or reduction of springs and streams, loss of varieties and species of seeds, as well as local cultures and traditions.

### **Keywords**

Geraizeiros. Territory. Countryside Education.

---

<sup>3</sup> Undergraduate student in Countryside Education, Federal University of Triângulo Mineiro, State of Minas Gerais, Brasil. E-mail: udilesiooliveira@yahoo.com.br.

<sup>4</sup> PhD in Education for Science and Mathematics Teaching, State University of Maringá, State of Paraná, Brazil; professor at the Department of Education in Science, Mathematics and Technologies, Federal University of Triângulo Mineiro, State of Minas Gerais, Brazil. E-mail: veronicaklepka@uftm.edu.br.

## Introdução

Há décadas o povo Geraizeiro<sup>5</sup> desenvolve formas de manutenção da vida e sobrevivência em estreita relação com o território que ocupa, o bioma Cerrado. O Cerrado, do ponto de vista do Geraizeiro, é propício para uma vida harmoniosa com a natureza e cheia de fartura, de grandes riquezas naturais, culturais e muita alegria, além de possuir grande biodiversidade vegetal e animal. É da biodiversidade nativa e das características geográficas do território<sup>6</sup> que os Geraizeiros tiram seu sustento e sua fonte de renda. No Cerrado, construíram seus costumes e assim, também se constituíram como povo.

O lugar de pertencimento do Geraizeiro se diferencia pela forma de sustento: extrativismo, roça, quintal e criação de gado. Ele se modificou ao longo do tempo e se tornou mais complexo com as restrições advindas da implantação da monocultura de eucalipto, o que levou o Geraizeiro a fazer diversas traduções. A dinâmica da comunidade passou a incorporar novos hábitos e a busca por restabelecer hábitos e costumes perdidos, a partir das relações que as comunidades criaram nessa busca pela permanência e pela reconstrução dos lugares de vida. (BRITO, 2013, p. 140).

Além das formas de geração de renda criadas, o povo Geraizeiro desenvolveu um jeito próprio de realizar suas atividades cotidianas, como, por exemplo, o plantio e a retirada de madeira sempre seguindo as fases da Lua. Até o fogo, imprescindível para a germinação de alguns cultivos, tem dia e momento certo para ser colocado em cada roça (área de plantio/talhão<sup>7</sup>). Esse movimento dinâmico realizado pelos sujeitos, geração após geração, vai se ressignificando e reflete um tipo de educação popular, forjada na terra, pelo seu povo (ARROYO, 2014). Costumes e culturas que, segundos anciãos Geraizeiros, vêm sendo perdidos e/ou tirados deles desde a época da chegada da monocultura do eucalipto na região, imposta pelo modelo econômico capitalista que por meio do poder público, ganhou força para explorar os territórios dos Gerais e expropriar suas populações tradicionais.

---

<sup>5</sup> Autodefinição de povos pertencentes a comunidades tradicionais que se constituíram no processo sócio histórico, cultural e político de formação da região norte de Minas e de reconhecimento das identidades diferenciadas que formam o povo brasileiro. Os geraizeiros da região de Rio Pardo de Minas constituem comunidades rurais agroextrativistas-pastoris que estruturaram seu modo de vida nos domínios do Cerrado em contato com a Caatinga (BRITO, 2012, p. 3).

<sup>6</sup> O território é assumido neste trabalho na perspectiva de Milton Santos (2000), ou seja, de um espaço vivido. Para o autor, o território é diverso, histórico-social, local de construção e produção da vida humana a partir de relações de poder. É local concreto e simbólico onde atuam as dimensões subjetivas, simbólicas, culturais, éticas, morais, estéticas, entre outras.

<sup>7</sup> Talhão é o nome dado pelos agricultores familiares para uma área cultivada podendo ser denominada também como: roça, áreas de cultivo de baixo, meio ou de cima, entre outros termos.

Nesse relato de experiência, damos ênfase a parte de uma história de uma das comunidades tradicionais Geraizeiras localizadas no Norte de Minas Gerais que, desde o século XX, luta contra as consequências da chegada da monocultura do eucalipto na região num esforço para manter seus traços identitários, sua cultura e seus saberes. Nosso objetivo é apresentar, sob o olhar de um Geraizeiro, primeiro autor e licenciado em Educação do Campo, uma história da Comunidade Tradicional Vereda Funda, entre o período de 1970 a 2019.

### **Caminhos percorridos para a descrição do relato**

Na condição de *insider*, o primeiro autor, mais que qualquer outro, apropria-se da legitimidade de ser Geraizeiro e camponês, além de ter protagonizado parte da luta relatada na comunidade, para obtenção das informações a serem analisadas. Assim, todo o percurso descrito fará com que seja percebida a condição do primeiro autor, como Geraizeiro, nativo de um território no qual desenvolveu processos educativos ainda enquanto licenciando e no interior de uma cultura tradicional do campo na qual nasceu, cresceu, vive e pretende continuar fazendo parte. Isso é o que se chama de *insider*, ou seja, quando o pesquisador “passa a estudar a cultura na qual está inserido” podendo alcançar “níveis de imersão cultural que afetam diretamente a identificação de significados implícitos em certas práticas culturais” (RIBEIRO, 2018, p. 180-181).

Como agricultor, Geraizeiro, licenciado em Educação do Campo, pesquisador, entre outras formações e definições, o primeiro autor vivencia uma diversidade de identidades<sup>8</sup> que lhe constituem. De tal modo seria impossível não levar um pouco de si para dentro de sua escrita, de certo modo tão pessoal, especialmente quando se fala do seu local, da sua terra. Quem mais poderia falar dela com tamanha propriedade que não os próprios moradores, os Geraizeiros? Assumir a palavra a partir da voz de agricultor, Geraizeiro, para contar a história da própria comunidade, trazendo com ela vozes de outros sujeitos do local, não seria também um mecanismo de luta e resistência contra a monocultura de saberes muitas vezes imposta por um saber padronizado?

As informações foram constituídas a partir de entrevistas, conversas, resgate de memórias<sup>9</sup> entre o primeiro autor juntamente com anciãos e agricultores, um total de sete

---

<sup>8</sup> Na perspectiva de Stuart Hall (2015) o sujeito é composto por várias identidades. Ele se identifica, se projeta, se reflete e se refaz, entre outras coisas, em diálogo com a cultura vivida e percebida.

<sup>9</sup> O conceito de memória é assumido na sua perspectiva imaterial, ou seja, histórias sem registro oficial, mas que compõem o patrimônio cultural de um povo (manifestações populares, fatos históricos e personagens ilustres de tempos passados (CRUZ; MENEZES; PINTO, 2008).

indivíduos, moradores do assentamento Projeto Assentamento Agroextrativista (PAE) – Veredas Vivas Comunidade Vereda Funda, localizada no Município de Rio Pardo de Minas, ao Norte do Estado de Minas Gerais. A seguir expomos uma breve apresentação de cada um dos indivíduos, cujas identidades foram preservadas, tendo apenas as iniciais em evidência, destacando sua relação com o primeiro autor e a fonte de dados utilizada para a escrita desse texto (QUADRO 1).

O período narrado (1970 a 2019) e vivenciado pelo autor (U) soma-se a relatos de fatos vividos e narrados por sujeitos da mesma Comunidade (N) (V) (J.A) (D), alguns *in memoriam* (S.J) (A.E). Portanto, o material primário utilizado nesse relato corresponde às narrativas de sete indivíduos, moradores de Vereda Funda, sendo um deles o próprio autor.

**Quadro 1** – Participantes da pesquisa e fonte de obtenção dos dados

Sujeitos		Relação com o primeiro autor	Fonte de dados/informação
U	N	Ancião da comunidade, amigo e grande professor/propagador dos conhecimentos e costumes Geraizeiros	entrevista semiestruturada com gravação em áudio e escrita de em caderno de pesquisa; memórias do primeiro autor sobre comentários do Sr. N no dia a dia na comunidade.
	V	Vizinho, amigo e colega na lida com os trabalhos cotidianos no campo, como cultivo vegetal, manejo com animais e manejo dos Sistemas Agroflorestais (SAFs).	entrevista semiestruturada com gravação de áudio, escrita em caderno de pesquisa; memórias coletivas em rodas de conversas cotidianas; - memórias do primeiro autor.
	J.A	Amigo e morador da comunidade, companheiro de luta e trabalho cotidiano no campo, como no cultivo vegetal e manejo de animais e dos SAFs.	entrevista semiestruturada com gravação de áudio, escrita em caderno de pesquisa; memórias coletivas em ocasião de mutirões e troca de serviços entre os moradores da comunidade; memórias do primeiro autor.
	D	Avó materna, educadora popular e grande incentivadora nas atividades campesinas, com seus conhecimentos e histórias de vida construída ao longo de décadas.	histórias e experiências de vida contadas no dia a dia, nas colheitas de café nos SAFs familiares, ensinamentos sobre os remédios naturais e sobre as formas de vida no campo antes e após a chegada da monocultura de eucalipto.
	S.J	Avô e grande professor dos	memórias do primeiro autor (causos, relatos e

	acontecimentos e fatos ocorridos ao longo de décadas.	vivências) sobre o período da chegada da monocultura do eucalipto na comunidade, convivência no local onde passa água que tocava o rodão (roda d'água), nas lavouras e na área florestal onde os remédios eram coletados.
A.E	Pai e eterno professor incentivador na participação em meio aos movimentos, lutas sociais, formação acadêmica, formações ideológica e comunitária.	memórias do primeiro autor vividas, participação em eventos, reuniões e festas religiosas da comunidade e encontros dos movimentos de resistência e formação agroecológica, religiosa, como encontro das Comunidades Eclesiais de Bases (CEBs) entre outros encontros formativos e vivência cotidiana na lida com o campo e movimentos sociais e comunitários.

Fonte: Os autores (2020).

Desses indivíduos, três concederam seus relatos por ocasião de uma monografia defendida para a Licenciatura em Educação do Campo (SANTOS, 2019), na qual foram pesquisadas, entre outros aspectos, as memórias de anciãos locais sobre episódios da história de Vereda Funda, em Minas Gerais, por meio de entrevistas, de modo que os relatos transcritos no texto compõem-se do recorte daquela pesquisa<sup>10</sup>. Os outros quatro correspondem a relatos orais rememorados pelo primeiro autor desse trabalho.

### **A comunidade Vereda Funda**

Anciãos e anciãs relatam que os primeiros moradores chegaram ao local que hoje se chama Comunidade Tradicional Vereda Funda há cerca de 400 anos. A comunidade recebeu esse nome em função das suas características geográficas.

Originada nos fins do século XVII, o nome da comunidade é justificado pela existência, nas entradas de acesso à comunidade, de veredas e vales profundos. A comunidade fica localizada na cabeceira de um dos afluentes do Rio Pardo, o Rio Santana, e as famílias da comunidade se instalaram e vivem ao longo dessas veredas e margens do córrego. A

<sup>10</sup> Aprovada no Comitê de Ética em Pesquisa sob o CAAE n. 09380219.5.0000.5154.

comunidade está situada na bacia geográfica do Rio Pardo, no território do município de Rio Pardo de Minas, a uma distância de 45 km da sede do município.

No ano de 2018, a comunidade de Vereda Funda foi reconhecida como Comunidade Tradicional Geraizeira via Decreto Estadual pela Secretaria do Desenvolvimento Agrário (FIGURA 2). Tal documento, além de garantir segurança jurídica para a comunidade tradicional de Vereda Funda, é um marco legal para a demarcação da identidade dos sujeitos dessa comunidade como Geraizeiros.

**Figura 2** – Certidão de Autodefinição da Comunidade Tradicional Geraizeira Vereda Funda



Fonte: Moises Dias (2019).

No passado, por volta da década de 1960, muitos moradores saíram das comunidades localizadas nos Gerais para trabalhar em outras regiões, como na caatinga, em Salinas. Por habitar e fazer uso de terras comuns, as chamadas chapadas, para criação de gado, manejo extrativista e alguns cultivos, os povos dos Gerais passaram a ser conhecidos como povo Geraizeiro. Ao transitar entre o Cerrado, ambiente de muita neblina, e a caatinga, ambiente mais seco para onde os trabalhadores dos Gerais migravam em busca de trabalho, os Geraizeiros chegavam nas fazendas da caatinga com os ombros molhados da neblina do cerrado. Com o passar do tempo, como dizia o Sr. A.E. (*in memoriam*), foram sendo apelidados como os *cacunda di librina*<sup>11</sup>, marca que hoje estampa com orgulho os rótulos dos

<sup>11</sup> Documentário Cacunda de Librina <https://www.youtube.com/watch?v=y64AtpevK-k>.

alimentos produzidos coletivamente nas comunidades Geraizeiras, a exemplo do café sombreado.

Até meados da década de 1970, essas áreas de vegetação, denominadas chapadas ou Gerais, comportavam uma grande variedade de frutos nativos como: pequi, mangaba, rufão, pinha do mato, maracujá nativo, coquinho, cajuzinho do mato, entre vários outros. Também havia muita madeira nativa conhecida pelos moradores da comunidade como madeira de lei, como pequizeiro, vinhático, sucupiras, mussambê, manjol, entre outras. Todos os frutos e madeiras citados eram usados pela população da região por meio do extrativismo como fonte de renda. Além dos frutos e da madeira, a extensão do território também era usada como área destinada como soltura dos animais que quase todo morador criava. A vegetação era muito utilizada como farmácia natural, pois na época, até por volta dos anos 1978, na comunidade não se utilizavam remédios alopatas/manipulados.

Segundo a Sra. D.A. e o Sr. A.J. (*in memoriam*), todos os tipos de doenças e problemas eram curados com remédios caseiros extraídos e/ou produzidos a base de plantas nativas, por meio de garrafadas, torniquetes, chás, banhos, entre outras formas de cura, tudo a base de plantas nativas do Cerrado, vegetação presente nas áreas de chapadas nas proximidades da comunidade de Vereda Funda.

Depois de muitos anos com as chapadas sendo utilizadas de forma comunitária e fonte de geração de renda para as pessoas, na década de 1970, grande parte do território da região Norte de Minas teve suas terras ocupadas pela monocultura do eucalipto. Desconsiderando a forma de viver dos Geraizeiros, suas formas de produção e alinhados à extensão de cultivo do eucalipto, seja para produção de madeira, celulose ou sendo considerada como área de reflorestamento, o governo estadual autoriza ação de intervenção sobre terras consideradas devolutas, vendendo ou arrendando para empresas privadas cerca de 10% do total do território norte Mineiro para o cultivo dessa espécie (NOGUEIRA, 2009). Fato é que o governo considerou públicas as áreas onde existiam as comunidades tradicionais Geraizeiras e nessa ação de tomada do território dos Gerais, não foi considerada a riqueza da biodiversidade e das extensas áreas de solta de gado, as chapadas, ou áreas de cerrado para a vida dos moradores que ali sobreviviam. Lembra a Sra. D, que a partir da década de 1970 o estilo de vida da população mudou drasticamente. Grande parte da área em que tiravam seus sustentos das mais diversas formas, como prática de extrativismo, coleta de lenha, frutos e ervas nativas, deu lugar à monocultura do eucalipto.

Os anos se passaram e as falsas promessas de emprego e melhoria das condições de vida da população, feitas na implantação do eucalipto, não foram cumpridas. Ao contrário, os

impactos da monocultura começaram a dar resultados negativos logo após sua implantação. Segundo moradores mais novos, bem como os anciãos da comunidade, um dos primeiros resultados negativos foi a perda das áreas de solta para o gado. Depois essa redução alcançou as áreas destinadas à prática do extrativismo. Cerca de oito a dez anos após a implantação da monocultura do eucalipto, por volta da década de 1980, observou-se o início da redução do nível das águas nos rios e córregos da região, dificultando algumas atividades agrícolas que se praticavam ao longo do ano.

As principais atividades desenvolvidas na comunidade até a década de 1970, segundo anciãos e documentos escritos, era o cultivo de mantimentos como: arroz, milho, feijão, andu, fava, entre outras culturas anuais. Já as semi-perenes ou perenes eram: cana-de-açúcar, mandioca, frutíferas de forma geral, entre outras. De acordo com relatos de alguns moradores que viram a monocultura do eucalipto chegar à região do Alto Rio Pardo e na comunidade de Vereda Funda, além das terras, fauna e flora que foram perdidas para a monocultura, perderam-se também muitas das suas riquezas como fontes de água, que antes eram em abundância e quantidades significativas e que eram utilizadas para tocar engenho para moagem da cana-de-açúcar, ralar mandioca para produzir a farinha e goma/polvilho.

Para se ter uma ideia da capacidade hídrica do território, segundo contava o Sr. S.J e relembra ainda hoje outros moradores da comunidade, até meados da década de 1980, na comunidade, não havia energia e nem maquinários motorizados. Tudo era desenvolvido com a tração animal ou através da força da água. Na comunidade havia muitos desses equipamentos: um engenho, uma gangorra (limpador de café), um moinho, um ralador de mandioca e até um gerador de energia. Um exemplo desses artefatos de trabalho é o rodão, tocado com o auxílio da água. Registros dessa época podem ser vistos nas imagens a seguir em memória do Sr. S.J., um dos homens que colaborou muito com a conservação da cultura na comunidade de Vereda Funda. Foi um grande produtor de cachaça, café, rapadura, farinha, frutas e etc.

Na Figura 3 (à direita) está representada a estrutura e o rodão, à frente o saudoso S.J. (*in memoriam*) e o engenho que ainda não foi retirado para que as pessoas mais novas e de outras regiões possam conhecer um pouco da riqueza hídrica antes da chegada da monocultura do eucalipto. Na Figura 4 (à esquerda), temos a imagem de uma roda d'água que lembra muito o antigo rodão, porém hoje em dia é utilizado por alguns moradores como força para bombear água para residências situadas na área do assentamento PAE-Veredas Vivas.

**Figuras 3 e 4** – Rodão tocado pela força da água na década de 1970 e, ao lado, a roda d'água, que bombeia água para a agrovila do assentamento PAE-Veredas Vivas



Fonte: Imagem da esquerda registrada no ano de 2004 por um técnico do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Rio Pardo de Minas; imagem à direita registrada no ano de 2019, pelo primeiro autor do trabalho.

A roda d'água foi construída e montada exatamente no mesmo local retratado nas imagens, mostrando como o cenário mudou drasticamente de acordo com a história que é contada pelos moradores anciãos que viram essa engenharia funcionando. Comparadas, a roda antiga (imagem à esquerda) e a da atualidade (imagem à direita), podemos imaginar a calha de água que era necessária para movimentar o famoso rodão da época dos anos de 1970. As imagens 5 a 8, a seguir, mostram como se encontra atualmente o rodão que tanto ajudou no desenvolvimento de atividades agrícolas até mais ou menos a década de 1980.

**Figuras 5 a 8** – Rodão do assentamento PAE-Veredas Vivas em 2019



Fonte: Acervo pessoal do primeiro autor (2019).

O Sr. V, Geraizeiro de Vereda Funda e um dos que nos relatou sobre esse período da história, comenta sobre a roda d'água que existia na comunidade. Ele nos explicou para que era utilizado o famoso rodão:

Ó, ali tocava gangorra, tenda de farinha, até luz. Uma vez o véio Sirva pôs lá, toco a energia né, tinha um transformador, o transformador, a água rodava, gerava, ia carregando o transformador, gerando, carregava a bateria e despachava pra casa. [...] luz, casa de farinha, gangorra pra limpar café, engenho, [...] só água, só água, só a força da água.

Tudo era muito artesanal, pois era construído ali mesmo na comunidade. Durante muitos anos essa máquina trabalhou em prol de muitas famílias da região.

Na fala de V, fica uma pista temporal de quando a enghoca parou de funcionar. “Ó, é que eu num tô bem lembrado não, [...]eu num tô bem lembrado mas não, mais capaz que eu tinha uns... dezoito, dezessete a dezoito ano, porque... é quando a monocultura chegô, eu era rapazim novo novo” (V). O senhor V hoje está com 52 anos de idade. Ou seja, de sua fala podemos interpretar que logo após a monocultura ser implantada na região, a água já foi ficando escassa. Tal fato tem sido documentado na literatura (SILVA, 2004).

Nos dias de hoje, o potencial hídrico da comunidade Vereda Funda ainda é muito baixo, sendo necessário perfurar poços artesianos. O cultivo de algumas culturas não é mais possível por conta das terras secas e a quantidade de água disponível, o mesmo acontece com o uso da água na moagem da cana e para ralar mandioca, só resta a saudade e os rastros de algumas ferramentas que eram utilizadas.

O Sr. N, ancião da comunidade e o Sr.V nos relatam que a perda de alguns cultivos na Comunidade Vereda Funda está relacionada diretamente à monocultura do eucalipto:

Ó, uma parte perdeu porque com o negócio da monocultura do eucalipto, muitos lugar que plantava o feijão de Sant'Ana, hoje por aqui nesta região ninguém planta mais, porque as terras virou tudo terra seca né, feijão sagrado. A força do feijão do lugar de nós era planta ele no mês de julho, então isso aí, a gente perdeu a planta. [...] o serviço do povo diminuiu muito... pessoal, também parece que deu um esmorecimentinho. [...] Mas essas terra secou tudo. (Sr. N).

[...] quando começou a entra essas firmas de eucalipto foi diminuindo aos pouco [...]quando eu era moleque nesta beira de rio ai ó cada poção de água, que pulava no barranco que dava da altura desta casa ai o ((cerca de três metros de altura)) e você não descia os pés lá em baixo, num dava como, pelo poço ser tão fundo, hoje você num acha um poço desse mais por causa de que, [...] aqui mesmo nesse fundo meu aqui ali tinha um poço deste jeito, hoje tá tudo rentinho, por causa

de que, por que na época eles num fez curva de nível, aquele trem veio só ... esse sentava o trator lá em cima, água veio descendo e tampando as mineração ((nascentes)) d'água tudo, e tampando os rios, por isso hoje nosso ta nesta miséria por causa disso. Antigamente quando eu era moleque tinha 13 a 14 anos, qualquer cabeceira destas tinha água, ali né Sazarino quando eu estudava lá mesmo, os pé de barranco assim ó, lá onde que está sendo de Dú hoje, tinha umas minas d'água desta grossura assim ó, bota os bicão ((calha)) lavava roupa, era aquele terreiro cheio de água o tempo inteiro. (V).

O tempo passa e os problemas e consequências da chegada do “progresso” na comunidade foram cada dia se agravando mais. Assim, por volta de meados da década de 1990, a população começa a se incomodar com os ocorridos. No contexto da comunidade de Vereda Funda a indignação levou o povo a se mobilizar para um processo de questionamento e busca por entendimento da situação territorial e ambiental pela qual a comunidade passava. Nesse sentido, surgem os primeiros questionamentos coletivos: Por que estamos passando por isso? Temos como reverter essa situação? Temos como reconquistar o território? O que devemos e podemos fazer?

A partir daí começa um trabalho de formação dentro da associação com encontros comunitários para discutir e entender como a comunidade deveria se organizar. Mas, questionavam-se como, já que as terras se encontravam sob a posse e no comando da empresa. Através de parcerias percebe-se que a terra que estava com a empresa por meio de contrato de arrendamento ou comodato com o Estado estava vencendo, pois os contratos tinham vigência média de 25 anos de arrendamento da terra às empresas. Dessa forma, após o vencimento do contrato, a terra voltaria ao Estado para outros fins, ou novos contratos com as empresas reflorestadoras, ou ficaria como terra devoluta.

Após várias reuniões da associação, no fim da década de 1990, a população da comunidade escreveu um documento, auxiliada por parceiros, pedindo a devolução do território no entorno da comunidade. O documento final foi encaminhado para a Secretaria do Desenvolvimento Agrário de Minas Gerais. Esse território reivindicado abrange mais duas comunidades circunvizinhas: Comunidade dos Porcos e Comunidade de Ribeiro.

Houve um período de espera de retorno do documento de solicitação para devolução do território, porém não se obteve retorno. Era preciso mostrar para a empresa e para o Estado que a comunidade estava em movimento em busca do seu direito. A primeira ação, decidida em uma reunião de articulação coletiva, foi a de construção de um caramanchão, (nome dado a uma casa coberta de pindoba e aberta dos lados) no início do ano de 2003 (Figuras 9 e 10) no território reivindicado.

**Figura 9** - Comunidade reunida no caramanchão



**Figura 10** - Caramanchão queimado a mando da empresa



Fonte: Acervo STTR-RPM (2019).

A construção do caramanchão teve como objetivo a demarcação do território como ponto de encontro, e reunião para articulação do movimento comunitário para decidirem as ações a serem tomadas. Outro objetivo do caramanchão era uma provocação à empresa que estava utilizando o território. Assim contava o Sr. A.E. (*in memoriam*):

o barraco foi feito pra provocar eles, se eles fossem inteligentes o suficiente, eles não teriam colocado a mão, na época, mas foram bestas, e o povo da comunidade acabou tapeando eles, provocamos com a construção do barraco e eles aceitaram, desmancharam nosso barraco e arranjou problema.

No dia da inauguração do caramanchão, marcada com uma reunião com vários parceiros, chegou-se ao local e “o barraco” estava queimado. Assim, a reunião foi transferida para a igreja onde o povo da comunidade sempre se reunia aos domingos e dias santos para professar sua fé. Quando a reunião já estava em andamento, um jovem da comunidade que foi participar da reunião passou no local e viu pessoas em um caminhão apanhando as madeiras que sobraram do caramanchão queimado.

Alguns homens da comunidade saíram em quatro carros em direção ao local para conferir quem era e a mando de quem eles estavam fazendo aquilo. Ao chegar ao local não havia mais caminhão nem pessoas. Decidiram andar mais um pouco e encontraram um veículo com dois homens. O povo parou os dois veículos emparelhados impedindo a passagem dos mesmos. Foram conversando e indagando sobre o assunto, se eles eram funcionários da empresa, se foram eles que queimaram a construção e a mando de quem. Eles sempre negando diziam não saber de nada, de outro lado acusando o povo, dizendo que estavam infringindo a lei tirando o direito de ir e vir deles. Mas o povo insistia em dizer que

só iam liberá-los após a devolução das madeiras, mesmo sem provas de que eram eles que haviam mandado pegar ou pegado. Após uns quarenta minutos de conversa, decidiram liberar os homens e avisaram a eles que qualquer coisa o povo estaria reunido na igreja da comunidade pouco abaixo dali onde eles estavam. Algumas horas após o ocorrido descem quatro viaturas da polícia no local onde o povo estava reunido dizendo que queriam identificar um líder. No entanto, na comunidade não há líder, toda a comunidade até os dias atuais compartilha a tarefa de liderança.

Como o povo estava em uma atividade de grupo, após uns minutos a atividade deu continuação, e os policiais se dividiram e cada um foi para um grupo escutar sobre o que povo falava, tudo que era dito era anotado pelos policiais, provavelmente para entregar aos donos da empresa. Nesse dia a comunidade estava reunida com vários parceiros, como: Comissão Pastoral da Terra (CPT), o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), o Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Rio Pardo de Minas (STTR-RPM), o Centro de Agricultura Alternativa do Norte Minas (CAA-NM) e outros, além de uma boa representatividade do povo da comunidade com o objetivo de elaborar um documento coletivo. Depois de várias atividades e encaminhamentos, foi decidido que seria construído um novo caramanchão no mesmo local do que foi queimado, dali já saíram todos com data marcada. Porém, dessa vez, todo material que iria ser usado para reconstruir o caramanchão seria retirado da madeira da empresa, coisa que no primeiro não havia ocorrido.

No dia marcado a população foi em quantidade, e logo cedo alguns policiais chegaram ao local, imaginava-se que era para intimidar, porém eles não interviram em nada. Continuou-se com o planejamento. No fim do dia estava mais uma vez pronto o caramanchão, o mesmo permaneceu de pé por poucos dias, e novamente foi queimado, destruído e desmontado.

Diante dos acontecimentos, o povo, que era teimoso, não desistiu. Foi em busca de novas estratégias para conseguir a demarcação do seu território. Em pouco tempo decidiram que tinham de ocupar, povoar, o território em busca de uma negociação com Estado e com a empresa, a indignação do povo entre o envio do documento até a ocupação do território durou mais ou menos de 7 a 9 anos. Em novembro de 2004 foram para o território e montaram um acampamento que permaneceu por um ano. Grande parte da população da comunidade que morava nas margens de um córrego que cortava a comunidade abandonou suas casas e foi morar embaixo de barracas construídas de lona preta e pindoba ou capim.

**Figura 11** - Construção das barracas para acampamento



**Figura 12** - Barracas construídas para acampamento



Fonte: Acervo STTR-RPM (2019).

O período em que a comunidade estava acampada foi uma época difícil (Figuras 11 e 12), pois além do embate contra a empresa, algumas comunidades circunvizinhas os perseguiram em forma de palavras. Por onde passavam eram perseguidos pela polícia local, que sempre ficava nas estradas rurais investigando o povo, até pessoas montadas em bicicletas, cavalos, carroceiros e carrieiros<sup>12</sup> eles paravam e revistavam a fim de saber o que estava sendo transportado e para onde estava indo, infringindo assim direitos de liberdade da população. Muitos moradores tinham medo de serem parados pelos policiais que estavam sempre nas vias de acesso entre a comunidade e a localização do acampamento, pois sabiam que os assentados desciam em busca de alimento e cuidar de animais que haviam ficado para trás.

Por parte de comunidades vizinhas o povo também era muito criticado, pois Vereda Funda foi a primeira comunidade do município de Rio Pardo de Minas a questionar e bater de frente com a empresa pela retomada do território, muitos diziam que era coisa de doido, não havia dinheiro para brigar contra a empresa, que era muito rica. Outras comunidades e povos criticavam porque ainda tinham a falsa ilusão de que a monocultura estava trazendo desenvolvimento econômico para a região, além dos mesmos terem uma compreensão negativa do movimento social, no caso o MST, isso por conta dos conteúdos midiáticos que são apresentados sobre o movimento e outras organizações de movimentos sociais que são apresentados como baderneiros, vândalos, invasores de terras, etc. Foi um longo e lento

<sup>12</sup> Carrieros são pessoas que trabalham com junta/as de boi domesticadas puxando carroças com rodas de pneu ou madeira, assim são denominados como carrieros e os animais denominados de boi carreiro.

processo de retomada e reconquista do território que deu início no final da década de 1990 e permaneceu até o ano de 2013 quando finalmente foi reconhecido pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) como Assentamento de Reforma Agrária, tendo o território sob responsabilidade da associação comunitária.

Durante o período permanecido no acampamento, aproximadamente um ano e dois meses, várias ações foram efetuadas, como por exemplo, audiências em fórum local, uma grande audiência em Belo Horizonte onde foi feito um acordo de que a empresa devolveria o território para o Estado e este à comunidade através do INCRA. Várias outras ações foram necessárias ao longo do processo. Houve a paralisação das carvoeiras, pois o assentamento estava ali e a empresa continuava a execução dos serviços. Se não fosse através desses atos, a população da comunidade iria continuar embaixo da lona e não seria concretizado o anseio e desejo da reconquista do território.

Só em 2013 a comunidade passou a ser reconhecida como Projeto de Assentamento Agroextrativista<sup>13</sup> Veredas Vivas, PAE - Veredas Vivas. Segundo o INCRA, trata-se do primeiro assentamento dessa modalidade no Estado de Minas Gerais. O assentamento ocupa aproximadamente quatro mil e duzentos hectares e conta com 100 famílias cadastradas pelo INCRA. O assentamento é composto por três comunidades: Comunidade Porcos, Comunidade Vereda Funda e Comunidade do Ribeiro. Faz parte do assentamento não somente o território reconquistado como também as áreas não ocupadas pelo eucalipto, isso faz com que o território total passe de quatro mil e duzentos hectares para aproximadamente seis mil hectares, segundo a medição feita pelo povo junto a entidades como, por exemplo, o CAA-NM. Ficou acordado entre o INCRA e as comunidades que o assentamento compreende todas as famílias de dentro do território juntamente com aquelas cadastradas, membros do assentamento.

Desde então, a comunidade vem levantando outras bandeiras, pois só a reconquista do território, ou seja, só a terra, não traz subsistência e melhoria na qualidade de vida da população. Isso é apenas o início de mais uma caminhada. Por isso existem as reuniões da associação comunitária que são realizadas uma vez por mês e nela discutem-se vários assuntos de interesse da população. Das várias bandeiras que a comunidade vem levantando, uma é a da Educação do Campo, que vem trabalhando uma educação contextualizada valorizando a história, tradições camponesas, assim como o auto reconhecimento como povos

---

<sup>13</sup> A comunidade extrai principalmente lenha, madeira para cerca, plantas medicinais e frutos do cerrado.

Geraizeiros, mostrando que as lutas dos movimentos sociais estão sempre atreladas a vários temas e conflitos.

Outra questão de luta levantada pela comunidade são as formas de produção e conservação das variedades crioulas<sup>14</sup>, sendo que, com a reconquista do território é necessário produzir e para produzir necessitamos de sementes e técnicas de cultivo agroecológicas. Os famosos pacotes tecnológicos não são e nem devem ser o correto para um território que preza pela conservação da biodiversidade e sustentabilidade local.

Hoje em dia, há o apoio de projetos de desenvolvimento sustentável na comunidade, como por exemplo: Os Sistemas Agroflorestais (SAFs), Casa de Sementes Crioulas, Produção Agroecológica Integrada e Sustentável (PAIS), entre outros. Tem-se também o apoio da Escola Família Agrícola Nova Esperança (EFA-NE) e do Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas que promovem oficinas de produção tradicional com caldas e adubos naturais, todos produzidos a base dos recursos existentes em cada propriedade, assim promovendo a subsistência, soberania alimentar, dando maior autonomia às famílias de Vereda Funda.

### **Considerações finais**

Faz parte da identidade Geraizeira o esforço contínuo para a defesa de sua cultura, de seus costumes e de seu território. Nesse processo, os Geraizeiros constroem conhecimentos cada dia ressignificados pela disputa, pelo embate de ideias e conceitos. Disputas presentes em diferentes contextos em que vive. Ser Geraizeiro é formar-se politicamente desde cedo, é uma educação formada na luta diária.

A história de Vereda Funda, e mais precisamente a história de um de seus maiores conflitos, a retomada de seu território, consiste em uma narrativa viva e necessária para a manutenção da memória e da identidade camponesa desse povo. Quando contada pelos próprios protagonistas, adquire ainda mais força e visibilidade.

A comunidade ainda encontra desafios para sua reestruturação como comunidade tradicional, uma vez que sua forma de vida foi terrivelmente modificada, provocando muitos danos ambientais, deixando as áreas de cultivo, nascentes e rio assoreadas, com resíduos trazidos pelo excesso de água/enxurradas provocadas pelo desmatamento realizado nas áreas

---

<sup>14</sup> Crioulas, dentre outras denominações, são popularmente consideradas pelas comunidades tradicionais, as sementes, estacas ou mudas de plantas que não sofreram nenhum tipo de melhoramento tecnológico (PINTO *et al.* 2020).

altas/chapadas, zonas de amortecimentos/recargas das nascentes e rio que banhavam a comunidade, sem falar na perda da biodiversidade da fauna e flora local. Também temos como desafios o reconhecimento como *insider*, em escrever e relatar nossa própria história, sua importância, dar valor e voz ao Geraizeiro para além de relatos orais, como a proposta escrita nesse trabalho.

## **Agradecimentos**

O autor agradece o compartilhamento de vivências, informações e saberes advindos dos familiares, amigos e colegas de trabalho. Agradece também aos anciãos e moradores da Comunidade Tradicional Geraizeira Vereda Funda pelos conhecimentos passados, por meio de entrevistas, ensinamentos e/ou conversas formais e informais. Não podemos deixar de agradecer *in memoriam*, o Sr. A.E e o Sr. S.J., ambos participaram diretamente da/o luta/movimento e fazem parte da história de luta da comunidade/assentamento Vereda Funda/PAE-Veredas Vivas.

## **Referências**

BRITO, I. C. B. **Ecologismo dos Gerais**: conflitos socioambientais e comunidades tradicionais no Norte de Minas Gerais. 2013. 269 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

CRUZ, M. S. R.; MENEZES, J. S.; PINTO, O. Festas culturais: tradição, comidas e celebrações. *In*: ENCONTRO BAIANO DE CULTURA – EBECULT, 1. , 2008, Salvador. **Anais** [...]. Salvador:UFBA, 2008.

HALL, S. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

NOGUEIRA, M. C. R. **Gerais a dentro e a fora**: identidade e territorialidade entre Geraizeiros do Norte de Minas Gerais. Gerais a dentro e a fora: identidade e territorialidade entre Geraizeiros do Norte de Minas Gerais. 2009. 233 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

PINTO, T. H. O. *et al.* A integração de saberes por meio da temática das *sementes crioulas* na formação de professores de ciências para o campo. **Ensino, Saúde e Ambiente**, Volta Redonda, v. 13, n .2, p. 177-198, 2020. Doi: 10.22409/resa2020.v13i2.a32202. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ensinosaudeambiente/article/view/32202/0>. Acesso em: 15 maio 2020.

RIBEIRO, H. L. O desafio da Endoetnografia. **Ilha**, Santa Catarina, v. 20, n. 1, p. 177-205, jun. 2018. Doi: 10.5007/2175-8034.2018v20n1p177. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2018v20n1p177>. Acesso em: 15 maio 2020.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. São Paulo: Record, 2000.

SANTOS, U. O. **As variedades crioulas do Projeto de Assentamento Agroextrativista Veredas Vivas – Comunidade Tradicional Vereda Funda, Norte de Minas Gerais**. 2019. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação do Campo) – Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2019.

SILVA, C. E. M.; GONÇALVES, C. W. Água, cerrado, eucalipto e gente. **Jornal Estado de Minas**, p. 2-12, jan. 2004. (Caderno Agropecuário).

Submetido em 20 de junho de 2020.

Aprovado em 5 de outubro de 2020.